

BECKETT: A QUINTESSÊNCIA DA AUTOTRADUÇÃO?¹

Rainier Grutman

Neste artigo, gostaria de revisitar o lugar comum fundamental segundo o qual Samuel Beckett (1906-1989) encarna a autotradução, ao constituir um exemplo tão puro e tão concentrado que pode ser comparado à chamada *quintessência*, uma substância perfeita supostamente obtida depois de não menos que cinco destilações. É verdade que muito poucos escritores foram tão comprometidos com a prática da autotradução como ele foi, contra os desejos dos que o rodeavam e mesmo contra seu próprio instinto. A razão para isso, ao contrário do que se possa acreditar, é que Beckett não necessariamente gostava de traduzir. Sua biografia relata um incidente particularmente revelador nesse sentido. Em 1950, a UNESCO lhe solicitou a tradução de uma antologia de poesia mexicana editada por Octavio Paz (1958). Embora Beckett tivesse acabado de traduzir um poema de Gabriela Mistral, chilena ganhadora de um Nobel, seu domínio do espanhol deixava a desejar (sua formação na Trinity College Dublin havia sido em francês e italiano), então recorreu à ajuda de um amigo anônimo que tinha um domínio melhor da terceira língua românica. Beckett jurou, entretanto, que nunca mais assumiria um projeto de tradução, não importasse o tamanho de sua dificuldade financeira (Bair 1978, p. 409-410). Nesse ponto, se colocarmos de lado seu trabalho com Alfred Péron na versão francesa de *Murphy*, a carreira de Beckett como autotradutor ainda estava por decolar. Ela só começaria para valer após a estreia bem sucedida de sua peça, *En attendant Godot*, que Beckett decidiu traduzir, ele mesmo, para o inglês, preocupado com o que poderia ser feito com ela, ou com o que poderia ser feito a ela (Knowlson 1996, p. 359).

A prática parece ter se tornado rapidamente parte do processo criativo de Beckett. Ao final dos anos 50, ele fez a famosa reclamação a Alan Schneider de ter de enfrentar “as terras devastadas e selvagens da autotradução”, uma terrível travessia pelo deserto que sempre levava

¹Tradução por Bianca Walsh e Simone Vieira Resende.

Este artigo baseia-se em uma apresentação feita na conferência de Bolonha *Autotraduzione Testi e contesti* (17 a 19 de Maio de 2011). Uma versão muito mais longa da mesma argumentação está disponível em italiano nos anais da conferência (Ceccherelli, Imposta e Perotto 2013, p. 33-49), em inglês em uma edição especial da revista dinamarquesa *Orbis litterarum* editada por Michael Boyden e Liesbeth De Bleeker.

“muitos meses sofridos” (apud Cohn 1961, p. 617). A opinião de Beckett sobre isso dificilmente mudaria no decorrer dos anos, o que faz do seu comprometimento em traduzir seu próprio trabalho algo ainda mais surpreendente. Ele foi certamente incentivado a não fazê-lo por seu editor de Paris: Jérôme Lindon estava “incomodado com a enorme quantidade de tempo que [Beckett] gastava com a autotradução [e] sentia que [ele] devia se contentar com uma breve inspeção da tradução feita por outra pessoa, e devotar todo seu tempo à escrita” (Bair 1978, p. 480). Beckett tinha dúvidas semelhantes, que tornou públicas em uma carta a Thomas MacGreevy, dizendo: “Como estou farto da tradução, é uma batalha que sempre leva à derrota. Queria ter a coragem de lavar minhas mãos, deixar para os outros e tentar continuar o meu trabalho” (30 de janeiro de 1957, apud Knowlson 1996, p. 393). Sabemos que “não deixou para os outros”, antes o contrário: monitorou e às vezes até fiscalizou as traduções de outros para línguas de que tinha algum conhecimento: não somente francês (como aconteceu com o trabalho de Robert Pinget em *All That Fall*), mas também alemão (como evidenciado por sua colaboração duradoura e muito próxima com Elmar Tophoven).

Além de traduzir bidirecionalmente, do inglês para o francês e do francês para o inglês, Beckett estreitou gradualmente a lacuna de tempo entre o original e a tradução, dificultando desse modo a distinção entre os dois e algumas vezes até acabando com a precedência cronológica de uma versão em relação à outra. A versão francesa de *Murphy* (publicada uma década após o romance em inglês) e a versão em inglês de *The Unnamable* (que veio a público em 1958, enquanto *L'Innommable* foi lançado em 1953) podem com segurança ser rotuladas como autotraduções “atrasadas” ou “consecutivas” (Grutman 1998, p. 20; 2009a, p. 260), porque foram preparadas após a conclusão e mesmo após a publicação de suas contrapartes na outra língua. Isso já é mais difícil de estabelecer para *Endgame* (1958) e *Oh! Les Beaux Jours* (1963), escritos muito pouco tempo após *Fin de partie* (1957) e *Happy Days* (1961), respectivamente. Quando lhe foi concedido o Nobel de Literatura, em 1969, as “traduções” de Beckett eram publicadas tão próximas aos seus “originais”, que a distinção entre ambos entrava em colapso. *Bing/Ping* (1966-1967), por exemplo, é qualificada como “autotradução simultânea” (Grutman 1998, p. 20; 2009a, p. 260), isto é, uma autotradução produzida enquanto a primeira versão ainda está em andamento. No fim, Beckett simplesmente já não escrevia em uma única língua, mas alternava livremente do

francês para o inglês em seus manuscritos, transformando-os, então, em laboratórios bilíngues, dos quais as versões monolíngues publicadas não podiam nem dar ideia (Van Hulle, 2006).

Ao mesmo tempo, entretanto, e às vezes pelas mesmas razões, ele não é tão representativo da autotradução como um todo. Se por um lado, “o fato de Beckett ter passado tanta dor e ter gasto tanta energia na autotradução possa representar uma chave para seu trabalho” (Beaujour 1989, p. 175), fica muito menos claro que Beckett seja a chave para abrir as portas para a autotradução, especialmente quando o último fenômeno é visto holisticamente, não como uma instância isolada, mas como um fenômeno difundido e historicamente enraizado. Dando um passo atrás para obter um panorama melhor, não apenas notamos que o número de escritores que traduziram parte de suas obras é significativamente maior do que comumente se pensa, mas também que a maioria deles o fizeram de maneiras significativamente diferentes das de Beckett, cujo *modus operandi*, portanto, não deve ser visto como um modelo para práticas de autotradução em geral. Nas páginas seguintes, indicarei três dessas diferenças: a experiência prévia de Beckett como tradutor, a natureza sistemática de suas autotraduções e o status do par de línguas com que ele escolheu trabalhar.

O primeiro ponto é raramente levantado nas discussões acerca da autotradução. Em regra geral, os autotradutores são bilíngues, o que significa que podem funcionar em duas comunidades de discurso. Muito frequentemente, são também biculturais, porque compreendem referências de mais de um universo cultural; como escritores, podem associar-se a mais de uma tradição literária. É menos comum, entretanto, que tenham traduzido o trabalho de outra pessoa quando começam a traduzir seus próprios trabalhos. Muitos decidem cruzar o rubicão da autotradução, ou porque estão muito insatisfeitos com traduções existentes, ou porque não conseguem encontrar uma editora para seu trabalho original, ou porque seu trabalho foi mal recebido (até censurado) na língua inicial. Em outras palavras, movidos pelas circunstâncias e confortados por seu próprio bilinguismo, arriscam-se na tradução. Beckett, ao contrário, tinha descoberto há muito tempo o ofício da tradução quando começou a transpor *Murphy*. No começo de 1930, a revisão literária *This Quarter*, publicou seus “inglesamentos” dos italianos Eugenio Montale, Raffaello Franchi e Giovanni Comisso, assim como dos poetas surrealistas franceses Paul Éluard, André Breton e René Crevel (Beaujour 1989, p. 245, n. 13 e 16). Ele mudou para o francês, como língua alvo, um esboço de *Anna Livia Plurabelle*, um fragmento famoso de *Work in Progress* de James Joyce (o

futuro *Finnegans Wake*) com o qual o próprio mestre iria lidar mais tarde em italiano (Risset 1973). A versão literal de Beckett (outra vez posta no papel com a ajuda de Alfred Péron) forneceu a uma equipe de escritores franceses, que incluía Philippe Soupault, Yvan Goll e Adrienne Monnier, um texto básico para trabalhar.

A diferença entre tradutores experientes, que podem (ou não) ser bilíngues fluentes, e bilíngues maduros, que são tradutores novatos, não pode ser exagerada. Embora os últimos aprendam rapidamente, por tentativa e erro, encontrando soluções *ad hoc* para os problemas que aparecem, eles ainda têm de adquirir as competências que distinguem os tradutores experientes. Não cometerão necessariamente mais erros, mas erros diferentes. Nas palavras de Elsa Triolet, ela mesma uma escritora bilíngue (tanto em russo quanto em francês), assim como uma tradutora talentosa: “os verdadeiros bilíngues não podem traduzir-se, porque a linguagem leva o pensamento, o que muitas vezes surge a partir de uma combinação de palavras” (apud Birden, 2002, p. 34). Na verdade, é menos uma questão de habilidade do que de atitude, particularmente relacionada a pontos de vista sobre tradução em relação à escrita original. Em geral, escritores bilíngues tenderão a seguir seus próprios instintos criativos ao invés de seguir os de outra pessoa (mesmo se essa outra pessoa for eles mesmos num ponto anterior de sua vida!).

A segunda razão para o status excepcional de Beckett entre os autotradutores é a natureza sistemática de seu empreendimento. O fato de ele ter transformado sua obra inteira em um díptico, com painéis paralelos em cada uma das suas duas línguas, é o que faz dele uma espécie única. Por acelerar o ritmo de suas autotraduções ao ponto de se tornarem simultâneas, Beckett acabou por confundir as fronteiras entre original e réplica, criação e cópia. Este efeito foi assim dizer “agravado” pelo fato de que ele traduziu em ambas as direções, também dificultando a distinção entre língua-fonte e língua-alvo. Com o tempo, a escolha da língua importava menos “porque Beckett sabia que ele acabaria traduzindo a obra para a outra língua de qualquer forma” (Beaujour 1989, p. 174). A obra bilíngue resultante é, eu diria, seu feito mais notável e seu legado principal como autotradutor. Muito tem sido reconhecido, não só pelos estudiosos de Beckett, mas também por escritores bilíngues, para quem ele se tornou a maior referência. Tanto o franco-americano, Raymond Federman, quanto a romancista francesa nascida no Canadá, Nancy Huston, explicitamente colocaram sua própria prática de escrita bilíngue e autotradução simultânea sob a égide de Beckett. Ele foi o tema da tese de doutorado de Federman em 1963 e, mais

recentemente, o assunto da homenagem feita por Huston em seu pastiche apropriadamente bilíngue *Limbes/Limbo* (1998).

Estes dois fatores, sua experiência prévia como tradutor e especialmente seu comprometimento com a autotradução, criando um monumento ao bilinguismo, fazem do caso de Beckett um caso único, mesmo entre autotradutores. Há, no entanto, um terceiro fator igualmente importante. Nas palavras de uma estudiosa muito mais qualificada do que eu:

O bilinguismo de Beckett era inteiramente voluntário. Ele não foi perseguido por motivos políticos, econômicos ou religiosos, como muitos artistas exilados. Nem nasceu em uma comunidade de língua minoritária, como muitos escritores africanos e asiáticos, e por isso levado ao uso de uma língua colonial dominante. A necessidade de Beckett do francês pode ser vista como direcionada em parte por necessidades estéticas e em parte por necessidades psicológicas. Ele fez-se bilíngue [...] (Beer 1994, p. 214).

Além disso, ele o fez optando por escrever nas duas línguas mais amplamente lidas pelo mundo. O que nos faz pensar se o alcance global do inglês e do francês—anteriormente através da colonização, atualmente através da comunicação—tem algo a ver com a sua fama. Ainda mais importante, o prestígio cultural associado com ambas as línguas universais (o que é precisamente o motivo pelo qual os pais de Beckett esperavam que ele aprendesse o francês e não o galês da Irlanda) era tão grande, que na área da literatura, ao menos, pode-se dizer que o francês e o inglês estavam no mesmo patamar e, por isso, criavam a possibilidade de uma associação simétrica através da tradução. Facilmente deixamos passar o fato de que Beckett tinha o luxo de poder escolher sua segunda língua: ele poderia ter escolhido o alemão (ou ainda o italiano, como Joyce fez) e poderia tê-lo feito muito bem—ele tentou escrever em alemão nos anos 1920—não fosse o fato de o céu, sobre a república de Weimar, ter ficado nublado rapidamente.

Correndo o risco de abrir uma caixa de Pandora, atreveria-me a dizer que se Beckett tivesse crescido em um ambiente católico mais permeado pelo galês, como o seu compatriota Thomas MacGreevy, as coisas teriam sido um pouco diferentes. A situação dele teria sido a dos escritores de minorias linguísticas, que se sentem divididos entre autenticidade e universalidade, porque suas línguas nativas ou herdadas, embora (muito) menos usadas amplamente, simbolicamente dominadas—ou ambos—são tão importantes emocionalmente, que eles não podem abrir mão disso em favor de uma língua “maior” normalmente adquirida e completamente

dominada (inglês no caso da Irlanda; francês, espanhol, alemão ou russo em outras configurações geopolíticas). Cientes de não terem duas ferramentas igualmente reconhecidas à disposição, esses escritores são presos entre duas instancias impraticáveis, uma “universalista” e a outra “localista” (Dasenbrock apud Grutman, 2009). A primeira estratégia, escrevendo diretamente na língua majoritária, permite a eles acesso direto aos centros metropolitanos como Paris, Londres, Nova York ou Madri, mas, por conta dessa ambivalência em termos de identidade política, essa estratégia pode facilmente ter um resultado inverso. Por outro lado, o que eles ganham em autenticidade por escrever em um língua minoritária (a segunda estratégia, “localista”), eles tendem a perder com o público leitor internacional e o reconhecimento global. Africâner (para não deixar de falar das inúmeras línguas indígenas do continente africano), ídiche, catalão, dinamarquês, até mesmo holandês (na Bélgica) ou árabe (no norte da África, governada pela França) vem a mente como exemplos de línguas que foram simbolicamente dominadas na história recente. Para André Brink, Isaac Bashevis Singer, Llorenç Villalonga, Isak Dinesen (Karen Blixen), Jean Ray (John Flanders), Rachid Boudjedra, e muitos outros autores bilíngues, a autotradução não é apenas uma questão de escolha pessoal, mas também parte de um padrão histórico, uma iniciativa coletiva carregada de dificuldades sistemáticas, advinda de uma realidade, socialmente enraizada, com diferenciais de poder entre as línguas que eles têm à disposição.

Nesse contexto, a ideia de assimetria, longe de ser uma medida quantitativa ou um julgamento qualitativo, refere-se exclusivamente à natureza da transferência interlinguística da qual a tradução depende (Casanova 2009; Prunc 2011). A distribuição desigual de capital simbólico através das línguas do mundo é tanta, que seria ingênuo visualizar essa última como uma mudança horizontal entre parceiros iguais. Metaforicamente, a maioria das traduções funciona menos como pontes entre as línguas e mais como ladeiras escorregadias e colinas íngremes (dependendo do ponto de vista, de cima ou de baixo). Nesse caso, podemos contrastar os autotradutores, cujas configurações linguísticas dependem da assimetria, já que envolvem uma língua que é simbólica e/ou socialmente dominada, com aqueles que trabalham com línguas amplamente distribuídas que ocupam (ao menos) posições parecidas no estágio mundial. Samuel Beckett, Raymond Federman, Nancy Huston, e Julian Green (todos famosos autotradutores francês-inglês) são exemplos claros desse último caso, assim como eram Vladimir Nabokov e

Joseph Brodsky durante a Guerra Fria, quando o russo era o maior jogador no jogo de línguas do mundo (Heilbron 1999, p. 435).

Não significa dizer que não há diferença nos estilos ou gêneros da escrita (o jornalismo difere-se da ficção, que se difere da literatura infantil, e assim por diante), ou que não há instabilidade em termos de locais (editoras, espaços teatrais) ou suporte institucional (salários, premiações e coisas semelhantes) na produtividade geral de qualquer escritor bilíngue. Designar Beckett como um “autotradutor simétrico” não significa supor que o trabalho dele, de alguma forma, compreende duas partes iguais, tão pouco que é lido e reconhecido na mesma proporção na Grã-Bretanha e na França. Ao contrário, sugere que o fato de ele ter tido o luxo de escrever (por sua própria escolha) nas línguas mundiais mais estabelecidas, expandidas e, então, “desterritorializadas”, permitiu a ele criar a ilusão de tal simetria.

Quando Beckett mudou-se para a França em 1937, o francês ainda tinha prestígio suficiente para ser uma alternativa viável para o inglês. A autotradução poderia, conseqüentemente, representar o lugar para um indivíduo, marcado (e algumas vezes maculado) pela história pessoal ou familiar. Para Beckett, escolher intencionalmente outra língua que não aquela deixada de herança por sua mãe era certamente um jeito de distanciar-se das suas raízes, com as quais ele tinha muitos problemas a acertar. Contudo, foi exatamente o estrangeirismo da sua língua adotada, sem laços nem raízes, que permitiu que ele se saciasse com introspecções melancólicas e jogos de palavras ontológicos, ficando longe da política geralmente resultante do bilinguismo social. Em vez de lidar com questões complicadas de lealdade linguística, ele pôde transformar sua obra bilíngue, mas sem raízes, em um espaço de explorações emocionais e estéticas².

Por esse motivo, ao focar exclusivamente no Beckett (o autotradutor que recebeu mais destaque), corremos o risco real de subestimar a importância de outros modelos linguísticos que sustentam iniciativas de autotradução, como as conduzidas por escritores bilíngues cujo repertório linguístico é caracterizado pela assimetria como resultado de diferenciais de poder

² O mesmo pode ser dito, em termos praticamente iguais, em relação a Nancy Huston (que mudou-se para a França em 1973), por ela ter dito mais de uma vez que seu bilinguismo se deve menos ao fato dela ter nascido no Canadá. Ver o artigo de Trish Van Bolderen nesse mesmo assunto.

entre línguas minoritárias e majoritárias. Enquanto o limite de espaço me impede de fornecer maiores detalhes, gostaria de, resumidamente, chamar a atenção para três categorias de autotradutores:

1. escritores que pertencem a minorias linguísticas estabelecidas. Historicamente, muitos autotradutores surgiram de literaturas escritas em línguas menos divulgadas, para as quais Kafka criou o famoso termo *kleine Literaturen* (“pequeno”, isto é - e não “menor” no sentido da palavra de Deleuze). A lista incluiria autores dinamarqueses, assim como autores flamengos; escritores das línguas faladas na Ucrânia, Belorússia, Quirguistão, Uzbequistão e de outras origens na (antiga) União Soviética, adicionados a vários poetas irlandeses e escoceses, e, por último, os escritores do catalão, do galego e da língua basca das regiões autónomas de Espanha de hoje.
2. escritores coloniais e pós-coloniais que alternam entre suas línguas nativas e a linguagem europeia do (antigo) poder colonial. Rabindranath Tagore é o mais conhecido, mas de nenhuma maneira o único exemplo no subcontinente da Índia, e quase todos os países Africanos parece ter seu autotradutor.
3. escritores imigrantes que expandiram o trabalho originalmente iniciado em seus países de origem enquanto demarcavam novos terrenos para eles mesmos na língua do país adotado: tradicionalmente, os EUA poderiam reivindicar muitos desses escritores, de I.B. Singer e Nabokov a Ariel Dorfman.

Longe de estar completa, a lista condiz adequadamente com meu principal argumento: estamos lidando com uma categoria diferente de autotradutores além daquele que Samuel Beckett resume. Em vez de criar um trabalho bilíngue ao fazer transferências “horizontais” entre pares simétricos de línguas de prestígio internacional, difundidas e bem estabelecidas, eles autotraduzem “verticalmente”, tanto para cima (em direção à língua dominante) quanto para baixo (em direção à língua dominada), dois esforços muito diferentes com diferentes consequências (Grutman 2011). A natureza “assimétrica”, no seu e do seu encontro linguístico, sela a decisão de autotraduzir e o real processo de autotradução, sempre um ato de equilíbrio para escritores individuais, com demarcações que vão além dos indivíduos envolvidos.

GRUTMAN – Beckett: a quintessência da autotradução?

Apesar da presença imponente de Beckett como um escritor, seria sábio, então, não considerá-lo como uma sinédoque da autotradução no geral, da qual ele representa uma possível encarnação: a do autotradutor sistemático e “horizontal”. Beckett é parecido com a ponta de um iceberg, já que esconde mais do que revela. Sob a água, portanto, invisível aos olhos, residem cardumes inteiros de autotradutores, os quais merecem ser estudados em seus próprios méritos e peculiaridades.

Bibliografia

- ANTUNES, Maria Alice. **O Respeito pelo Original: João Ubaldo Ribeiro e a Autotradução**. Editora Annablume, São Paulo, 2009.
- BAIR, D. **Samuel Beckett**. Nova York, Londres: Harcourt Brace Jovanovitch, 1978.
- BEAUJOUR, Elisabeth K. **Alien Tongues: Bilingual Russian Writers of the 'First' Emigration**. Ithaca: Cornell University Press, 1989.
- BEER, A. Beckett's Bilingualism. In: PILLING, John (ed.). **The Cambridge Companion to Beckett**, Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p. 209-221.
- BIRDEN, L.M. Triolet as translator. In: **Équivalences** 28/2, 2002. p. 31-53.
- BOYDEN, M. & DE BLEEKER, L. (eds.). 2013. Self-Translation. In: **Orbis Litterarum** 68/3, 2013.
- CASANOVA, P. Consecration and accumulation of literary capital. Translation as an unequal exchange. In: BAKER, M. (ed.) **Translation Studies: Critical Concepts in Linguistics**, Londres-Nova York: Routledge, v. 2, 2009. pp. 85-107.
- CECCHERELLI, A.; IMPOSTA, G. & PEROTTO, M. (eds.). **Autotraduzione e Riscrittura**, Bologna: Bononia University Press, 2013.
- COHN, R. Samuel Beckett self-translator, **PMLA** 76, 1961. pp. 613-621.
- ECO, U. **Dire quasi la stessa cosa :esperienze di traduzione**, Milão: Bompiani, 2003.
- FORSTER, L. **The Poet's Tongues: Multilingualism in Literature**, Londres-Nova York-Sidney: Cambridge University Press, 1970.
- GRUTMAN, R. Autotranslation. In: BAKER, M. (ed.) **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**, Routledge, London-Nova York, 1998. p. 17-20.
- _____. L'autotraduction: dilemme social et entre-deux textuel, **Atelier de traduction**, n° 7, 2007. p. 193-202.
- _____. La autotraducción en la "galaxia" de las lenguas, **Quaderns**, n° 16, 2009. p. 123-134.
- _____. Self-translation. In: BAKER, M. & SALDANHA, G. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**, Routledge, London-Nova York, 2nd ed., 2009a. p.

257-260.

- _____. Diglosia y autotraducción “vertical” (en y fuera de España). In: DASILVA, X. M. & TANQUEIRO, H. (eds.). **Aproximaciones a la autotraducción**, Vigo: Academia del Hispanismo, 2011. p. 69-91.
- HEILBRON, J. Towards a Sociology of Translation. Book Translations as a Cultural World-System. **European Journal of Social Theory** vol. 2, n° 4, 1999. p. 429-444.
- HOKENSON, J.W. & MUNSON, M. **The Bilingual Text: History and Theory of Literary Self Translation**, St. Jerome, Manchester, 2007.
- JULIET, C. **Rencontre avec Samuel Beckett**, Fata Morgana: Montpellier, 1986.
- KNOWLSON, J. **Damned to Fame. The Life of Samuel Beckett**, Simon & Schuster, Nova York, 1996.
- MONTINI, C. Bilinguisme et autotraduction: le décentrement dans l’œuvre de Samuel Beckett, **In-Traduções**, 2, 2009. p. 1-10.
- OUSTINOFF, M. **Bilinguisme d’écriture et auto-traduction. Julien Green, Samuel Beckett, Vladimir Nabokov**, l’Harmattan, Paris, 2001.
- PARCERISAS, Vázquez, F. Idéologie et autotraduction entre cultures asymétriques, **Atelier de Traduction**, v. 7, 2007. p. 99-105.
- PAZ, O. (ed.) **Anthology of Mexican poetry**, tr. Samuel Beckett. Bloomington: Indiana University Press, 1958.
- PRUNC, E. **Entwicklungslinien der Translationswissenschaft : von den Asymmetrien der Sprachen zu den Asymmetrien der Macht**, Frank & Timme, Berlin, 2011.
- RISSET, J. Joyce traduit par Joyce. **Tel Quel**, 55, 1973. p. 47-58.
- SANTOYO, J.C. 2005, Autotraducciones: una perspectiva histórica. **Meta** vol. 50, no 3, 2005. p. 858-867.
- TANQUEIRO, H. Autotradução: autoridade, privilégio e modelo. Tese de doutorado inédita. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2002.
- VAN HULLE, D. Authorial Translation: Samuel Beckett’s *Stirrings Still/Soubresauts*. In: BURNARD, B.; O’BRIEN, K. & UNSWORTH, J. (eds) **Electronic Textual Editing**. Nova York: The Modern Language Association of America, 2006. p. 150-160.